



José Cardoso Pires

## Amores de cordel e clave

*Sempre que o amor caía em tribunal lá vinha ela sentenciar na moldura do écran tantas e tais cenas que as passei ao gravador para minha instrução sentimental.*

LISBOA, na romântica Idade da Rádio, tinha “Aquela janela virada para o mar” (cantada por um rapaz de Arroios que por sinal até era gago e ficou na canção nacional com o nome de Tristão da Silva) e tinha a janela dum rés-do-chão alto do Largo da Graça onde Mimizinha dos Recatos namorava de trapézio os galadores de todo o ano que lhe trinavam da rua.

Isto nos dias de semana, porque ao domingo fechava a janela dos diálogos e ia, pela mão da mamã, para as “matinéas” dançantes do Clube Radiofónico de Portugal onde era muito prendada. Aí, serviço é serviço, não falava, só dançava e só ouvia os solfejos que a remexiam por dentro.

Anos e anos assim. Mimizinha de “matinée”, Mimizinha de janela com o rádio em canções sentimentais, Mimizinha sempre composta, sempre menina, e os galadores lá da rua a envelhecerem, a murcharem.

Só que eu, sempre que tenho à mão o televisor, não perco um programa de “O Juiz Decide”, esse tribunal filmado onde, no intervalo do julgamento, a assistência também manda a sua sentença com o bom senso que Deus lhe deu. E não é que, nessa plateia de jurados à revelia venho a descobrir a Mimizinha dos Recatos? Ela mesma, a Mimizinha já para o baço, já para o gordo mas mesmo assim menina, a lançar pareceres num julgamento de amor? E passado tempo, outro caso, e mais outro, sempre que o amor caía em tribunal lá vinha ela sentenciar na moldura do écran tantas e tais cenas que as passei ao gravador para minha instrução sentimental. Entre as quais:

Cartas de amor.  
“Cartas de amor / quem as não

tem? “cantava o Tony de Matos na “boite” “Lado a Lado” da Avenida de Roma, e eis que, uma data de anos depois, o tema volta à discussão no julgamento televisado de um escritor de improvisado que publicou um anúncio de amor sob o pseudónimo de Florbela. Respondeu-lhe um lírico de boa-fé, Girassol de seu nome e amante de prosa silvestre, que, carta vai, carta vem, acabou em fogo de paixão pela pudenda Florbela, horizonte dos seus anseios.

Tudo certo, mas um dia mão ultrajante apontou-lhe um livro acabado de publicar. “Cartas de Amor” se chamava, e terrível era na sua ignominia.

Terrível, sim, e impudoroso, porque nele, Girassol foi encontrar todas as missivas que, em transe de devoção, tinha dirigido a Florbela e porque, pelo retrato do insensível que as publicara, a amada destinatária não passava dum travesti literário, conforme verificou quando recorreu ao tribunal e se viu lado a lado com um reformado de capachinho que amava por correspondência para dar à luz, como confessou, “romantismo ao vivo e ao natural” (sic).

“Cá por mim aplicava-lhe mas era a pena máxima porque no amor só é belo o que é secreto”, decretou a Mimizinha quando a câmara se dirigiu a ela.

Olivier Rolin, em “Port Soudain”, diz que teve amantes taciturnas e entre elas uma que vivia com uma piton amestrada. Só me lembrei disso quando vi no tribunal da televisão um bemparecido a exigir uma indemnização a uma brasileira que domava serpentes por lhe ter causado uma gaguez incurrá-

vel. Segundo os autos, a pervertida tinha-o arrastado para casa dela e quando estavam a fazer amor saiu debaixo da cama uma gibóia tão mal encarada que o deixou de língua aos solavancos para o resto dos seus dias.

Mimizinha dos Recatos desta vez não se pronunciou, mas, compreensiva como era, lembrava-se com certeza do Carlos Ramos a cantar “O amor é louco / não façam pouco...” e etcétera.

“Amor é cego e vê, não sei porquê.” Outro juízo a seguir no código sentimental. A voz agora é de Tomaz Alcaide com música do major de batalhão Cruz e Sousa e ficaria bem na sessão daquele dia em que, no assento de réu, estava um escultor de boa presença e melhor figura, mas cego.

Rezam os autos que o artista se propusera fazer o busto duma senhora que lhe disseram ser uma vénus ao natural e que, para não contrariar as opiniões, acabara por a representar nuazinha e em corpo inteiro como cabe às Vénus. O marido, que era cego de mãos, não percebeu e levou o artista a tribunal.

“Levou e com inteiríssima razão”, comentou Mimizinha, pois, para ela, a desvergonha às escuras peca por mistério a dobrar.

E disse. Do tribunal do amor tenho ainda mais cassetes e em todas me aparece na assistência a Mimizinha que eu conheci de janela e baile mudo. Olho-a com curiosidade e confesso que às vezes dou por mim a murmurar aquele fado do Marceneiro que diz:

“adeus, cabecita louca/hei-de esquecer tua boca/na boca doutra muher. ●